



REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

SOBRE O FRACCIONISMO



***O DISCURSO DO PRESIDENTE DA R.P.A. E DO M.P.L.A.
Cda. AGOSTINHO NETO, PROFERIDO EM 12/6/1977
NA CIDADELA***



SOBRE
FRACCIONES

ARQUIVO L. LARA



República Popular
de
ANGOLA

SOBRE O FRACCIONISMO

**Camaradas membros do
Comité Central do MPLA;
Camaradas membros das
Comissões Directivas e das
Comissões Políticas
Provisórias do MPLA;
Activistas do MPLA;
membros do Governo;
Com patriotas e
camaradas:**

Ontem, dia 11 de Junho de 1977, fomos conduzir ao cemitério, os camaradas que foram assassinados em 27 de Maio também deste ano. Foi um acto extremamente doloroso para todos nós. Sentimos imenso neste momento, a falta dos camaradas dirigentes, militantes, combatentes do MPLA, que foram tão barbaramente assassinados. E foram assassinados por causa da sua fidelidade á linha política do MPLA, à Independência do nosso País, a defesa da integridade territorial de Angola. Foram assassinados, porque eram patriotas sinceros, combatentes sinceros da nossa Pátria.

De todo o País, vieram delegações. Delegações não muito numerosas mas que

representavam as populações de cada província, de cada região administrativa do nosso País. Eu quero, sinceramente, agradecer a estes camaradas de todas as províncias que estiveram presentes ontem no funeral dos nove camaradas que foram enterrados. Estiveram ainda presentes neste acto triste, os representantes dos países amigos e de todos aqueles que têm aqui embaixadas.

Os embaixadores ou os seus substitutos estiveram connosco no cemitério e isto testemunhou mais uma vez, a amizade de que goza o Povo de Angola, por parte de povos de outros países e de outros continentes. Representantes desses países, dirigentes desses países enviaram mensagens, mensagens que



CAMARADA
DANGEREUX
PRESENTE

nem todas estão publicadas neste momento, nem todas foram ainda traduzidas na Rádio, na Televisão ou no nosso "Jornal de Angola". Mas, à medida que as possibilidades o permitirem, nós iremos publicando as mensagens, muitas, que temos recebido dos países amigos e daqueles que estão em contacto connosco, por razões políticas.

Algumas delegações de países amigos vieram aqui para testemunhar também a sua solidariedade, a sua amizade, neste momento em que nós sofremos um golpe terrível, ao nível da Direcção do Movimento e do Estado. A todos, quero aqui exprimir os maiores agradecimentos.

Quero exprimir a nossa solidariedade a todos aqueles que têm estado connosco nas horas mais difíceis, que nos ajudaram durante a luta de libertação nacional, que nos estão a ajudar neste momento de reconstrução do nosso País e que nos oferecem a amizade e a sua solidariedade.

Quero ainda agradecer às

famílias dos camaradas que foram assassinados. Apesar do momento triste que viveram e que estão a viver ainda neste momento, apesar da tragédia que caiu sobre si, durante todo esse período, as famílias comportaram-se com dignidade, comportaram-se da maneira a mostrar que, embora alguns dos seus familiares tenham tombado e alguns fazendo grande falta ao agregado familiar, elas estão dispostas a continuar a luta que cada um dos assassinados iniciou ou para qual cada um dos assassinados contribuiu para que nós atinjamos os objectivos no nosso Movimento, quer dizer que nós atinjamos o Socialismo. A todas as famílias portanto, a quem ontem já dirigi os meus sentimentos, no nome de todo o Povo de Angola, no nome do Comité Central do MPLA e no nome do Governo da República Popular de Angola, queiram mais uma vez, receber os sentimentos de pesâmes, e os seus agradecimentos pelo seu comportamento.



CAMARADA
N'ZAJI
PRESENTE

PRECISAMOS DE CONHECER BEM

O FRACCIONISMO

Estamos aqui hoje a condenar o fraccionismo. Foram fraccionistas aqueles que são os autores da tragédia que vivemos durante alguns meses e que terminou pelo assassinato. Hoje, eles já não são fraccionistas porque naturalmente, já não pertencem ao MPLA. Eles agora são indivíduos em fuga dentro de Angola, mas de maneira nenhuma pertencem ao MPLA.

O que é fraccionismo, nós precisamos de o compreender muito bem. Que é que significa fraccionismo?

Nós sempre considerámos importante para o nosso Movimento, o MPLA, para o nosso País, Angola, que exista unidade. No MPLA, nós somos um e temos regras para a vida da Organização. Não somos diversos! Somos um ou devemos ser um. E quando um pequeno grupo começa a funcionar fora dessa unidade, quando essa

Unidade-Movimento se divide em dois ou três bocados, nós chamamos a esses bocados, fracções. Fraccionismo é portanto, organizar dentro do Movimento pequenos grupos que não caminham de acordo com os Estatutos, conforme o Programa do MPLA mas sim, procuram organizar os seus próprios estatutos e o seu próprio programa.

Isso é condenado desde 1956, data da fundação do MPLA, pela nossa organização e essa regra, está inscrita nos Estatutos, no capítulo que fala do centralismo democrático. Portanto, quando nós dizemos fraccionismo, significa que alguém dentro da Organização, dentro do País, quis formar grupos que fossem diferentes do MPLA. Ora neste País, o único Movimento que existe é o MPLA e quem defender outro Movimento qualquer, não pode ser tolerado.



CAMARADA
SAYDI MINGAS
PRESENTE

Camaradas, compatriotas:

O FRACCIONISMO EXISTE DESDE A FUNDAÇÃO DO MPLA

O fraccionismo não começou a existir ontem, nem na semana passada.

O fraccionismo existe desde a fundação do MPLA. Tivemos que combater vários grupos fraccionistas, que hoje estão totalmente entregues ao imperialismo.

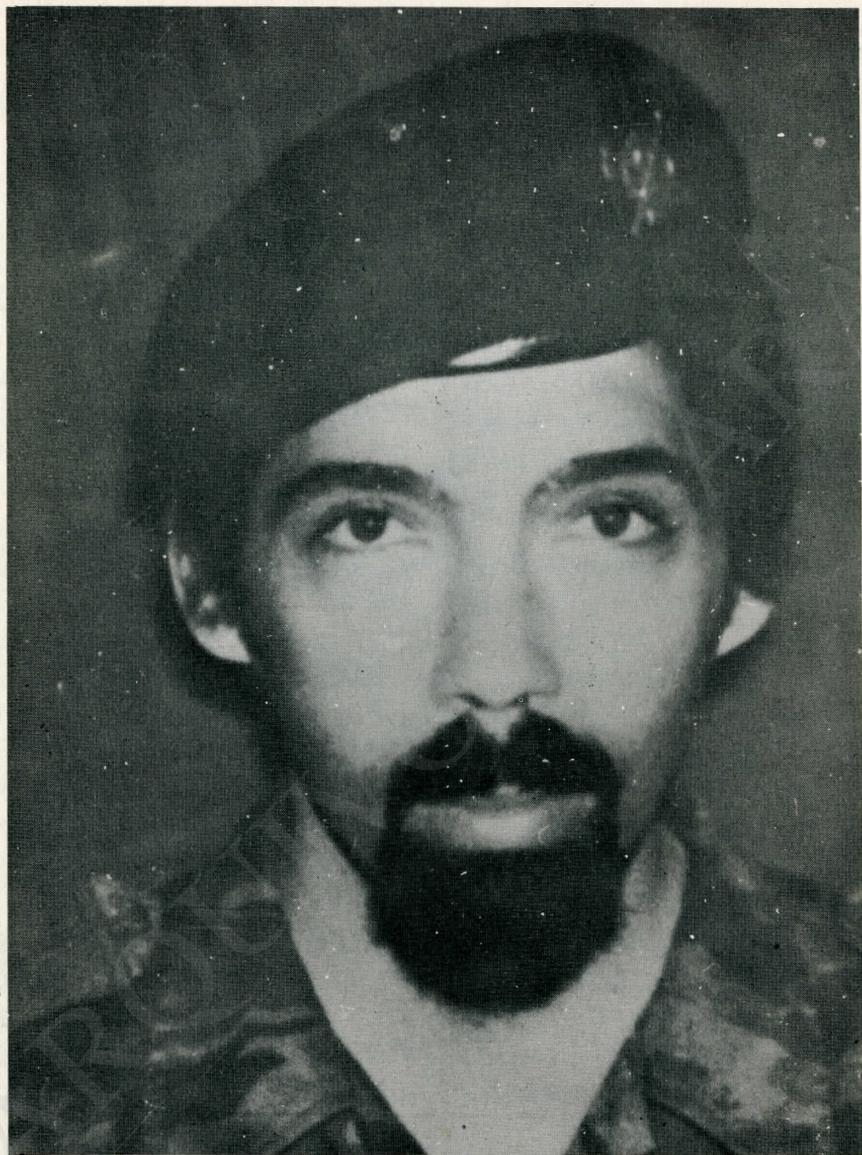
Em 1962/3, Viriato da Cruz conduziu uma ala fraccionista, ainda quando nós nos encontrávamos no exílio, no "Congo Kinshasa" Viriato da Cruz quis formar o seu Movimento dentro do MPLA e acabou por se entregar à Fnla. Mais tarde, foi-se entregar à China onde ele perdeu a saúde e veio a falecer. Quer dizer que já em 1962, nós tivemos que combater as ideias erradas que alguns dos nossos compatriotas defendiam dentro do MPLA e esses mesmos indivíduos não tiveram outro remédio senão entregar-se aos nossos inimigos. Entregar-se ao

imperialismo para lutar contra nós, para encontrar armas para lutar contra nós e acabaram por desaparecer.

Em 1965 ou a partir de 1965, alguns dos nossos compatriotas eram representantes no estrangeiro. Alguns estiveram no Cairo, no Egipto. Entre eles, encontrava-se um indivíduo chamado Baya. Creio que era António Baya. Esse indivíduo procurou também fazer a sua fracção, fazer o seu grupo. Acabou por ser expulso e hoje é membro da Fnla, está em Kinshasa.

Outro indivíduo que também esteve no Cairo, no Egipto, chamado Francisco Barros, pretendeu fazer a sua fracção, fazer o seu grupo e acabou por ser membro da Flec. Hoje está com a Flec que está a combater contra nós, em Cabinda.

Já depois de uma luta avançada na Frente Leste, apareceu um tal Chipenda que



CAMARADA
EURICO
PRESENTE

também à base tribal, quis formar o seu grupo. Foi expulso do Movimento. Acabou de ir para a Fnla e hoje ou está no Zaire ou está na África do Sul, conforme as conveniências do momento. Quer dizer que se ligou aos piores inimigos de Angola. aos piores inimigos do Povo de Angola. O destino é sempre o mesmo. Tentando combater o nosso Povo em Angola, tentando combater o MPLA, eles vão cair nas mãos dos imperialistas, nas mãos dos racistas e vão fazer o jogo do inimigo. Não têm outra saída,

não podem sobreviver sem ajuda dos imperialistas.

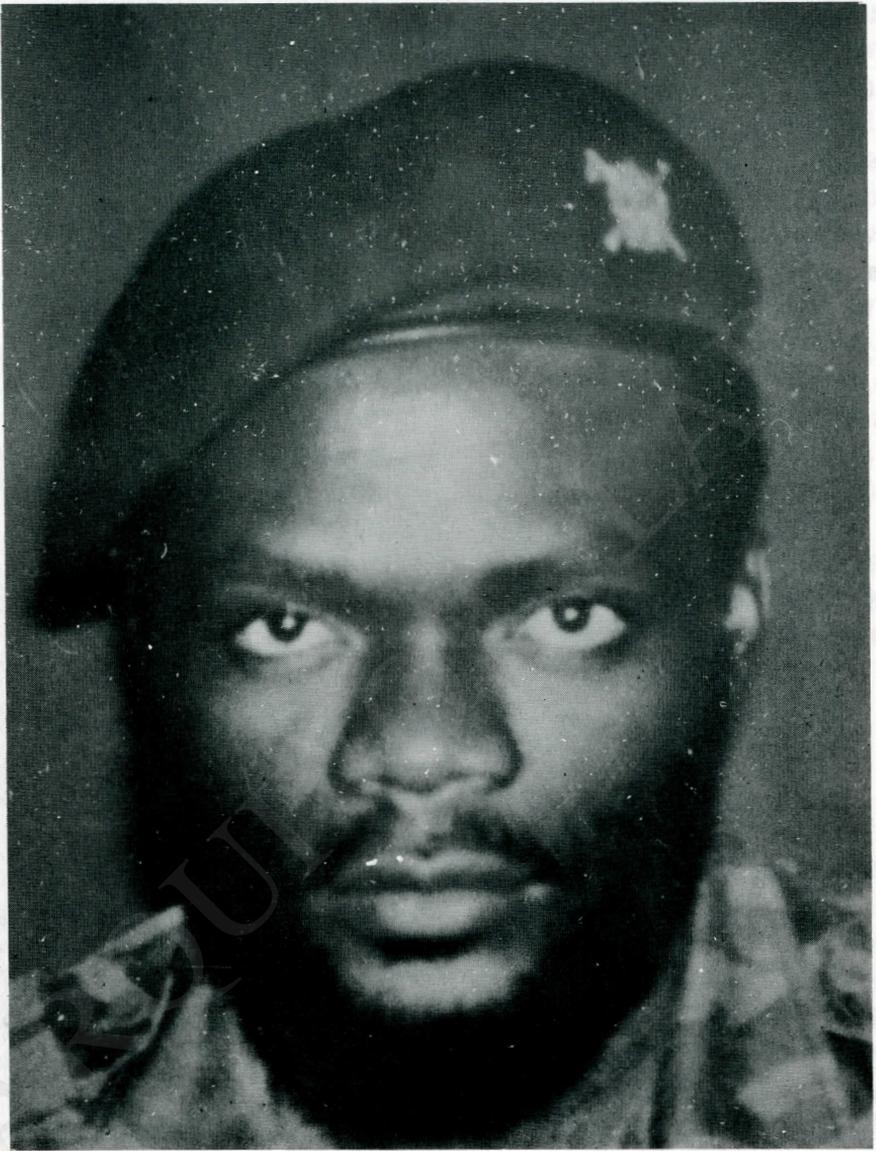
Em 1974 depois do 25 de Abril — os camaradas aqui em Luanda conhecem bem — depois portanto da rendição dos colonialistas portugueses, um outro grupo fraccionista apareceu. O grupo liderado por Gentil Viana, chamado "Revolta Activa" que os camaradas combateram com toda a força, aqui em Luanda. Esse grupo desapareceu também e, certamente, estaria disposto a colaborar com os imperialistas para abater o MPLA.

TODOS OS FRACCIONISTAS VÃO-SE ENTREGAR AO IMPERIALISMO

Chegamos a 1977 e aparece um novo grupo fraccionista que se camuflou aqui em Luanda, que tentou organizar-se dentro do MPLA, para destruir a Direcção e tomar o Poder. Tomar não somente a direcção do MPLA, mas também a Direcção do Estado. Uma grande parte dos indivíduos que constitui essa fracção está fugida e eu não vejo outra alternativa: ou eles

se entregam ou então vão-se entregar ao Zaire. É o destino de todos. Todos vão-se entregar ao imperialismo. E este grupo se não vier ter connosco, é porque irá ter com o Zaire.

Esses fraccionistas sempre fizeram o jogo do imperialismo. Toda acção que foi praticada durante estas últimas semanas aqui, mostrou que era uma acção



CAMARADA
BULA
PRESENTE

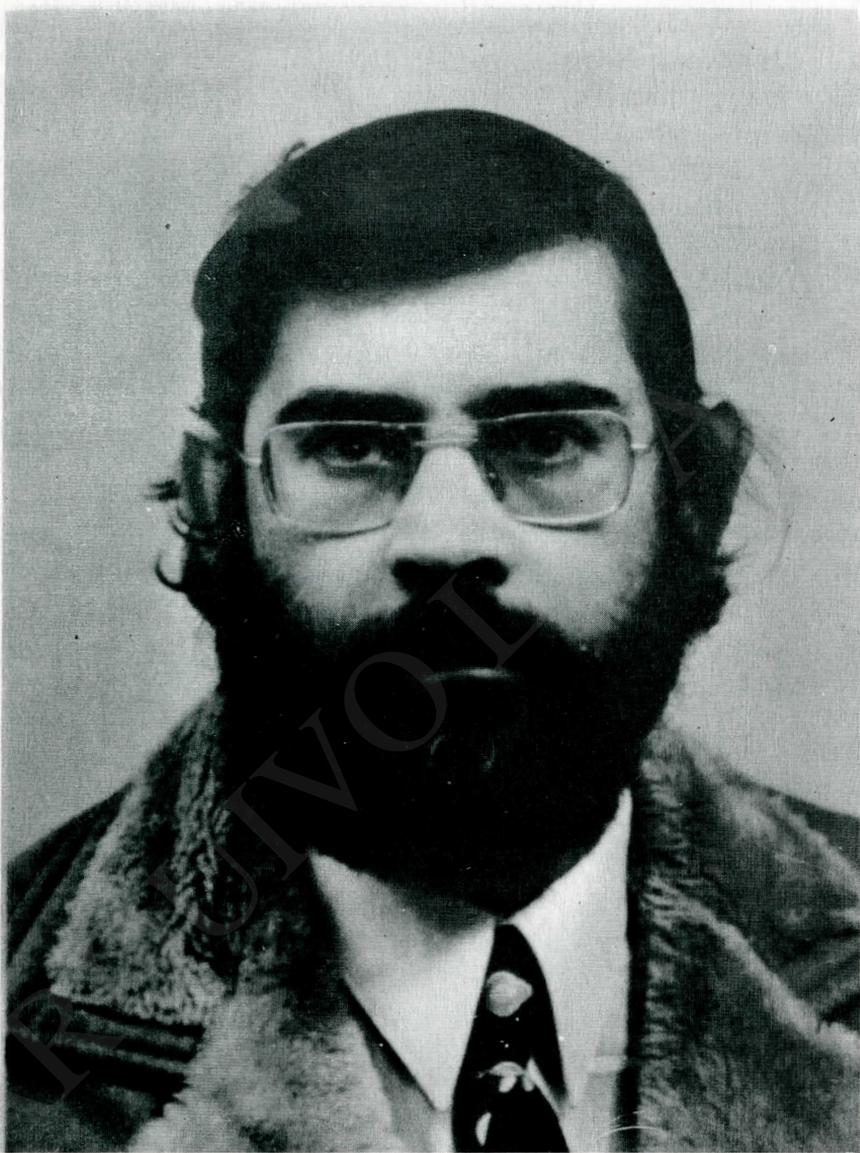
reaccionária. Quem mata, como eles mataram, é reaccionário. Quem se combina, como eles combinaram com as forças da reacção, com os espiões estrangeiros que estão aqui na nossa terra para derrubar o Governo, para tomar a Direcção do MPLA, é reaccionário, porque estavam pura e simplesmente a fazer o jogo do imperialismo. É o imperialismo que se estava a aproveitar deles para poder destruir tudo aquilo que nós já fizemos, desde o início da nossa independência, tudo aquilo que nós fizemos durante a luta de libertação e todos os nossos projectos na reconstrução nacional.

Devo dizer aos camaradas — agora já o posso dizer — que alguns deles, alguns que andam fugidos — há os que estão sob investigação — chegavam às reuniões e, em vez de discutir os problemas que eram inscritos na ordem de trabalho, pegavam num

livro e punham-se a ler à sucapa.

Muitas vezes, tinham sono, dormiam, talvez porque tivessem reuniões demais...

Havia alguns dos nossos compatriotas que estavam no Comité Central, estavam no Conselho da Revolução, que não contribuíram em nada para as decisões sérias, patrióticas que nós tomámos. Iam lá com um volume grande de livros debaixo do braço e iam lendo. Não lhes interessava nada aquilo que se passava no Comité Central, aquilo que se passava no Conselho da Revolução. Iam lá com outros objectivos. De vez em quando, quando havia posições a tomar, eles escreviam muito. Tomavam notas de tudo. Tomavam notas para depois criticar o Comité Central, criticar quem intervisse e, como aconteceu a alguns dos nossos camaradas, para os assassinar no momento oportuno.



CAMARADA
HELDER NETO
PRESENTE

OPORTUNAMENTE SERÃO ANUNCIADOS OS NOMES DE ESTRANGEIROS IMPLICADOS NO GOLPE "NITISTA"

Não é por acaso, que nós encontramos entre aqueles que queriam destruir o MPLA e o nosso Estado, alguns estrangeiros. Num momento mais oportuno, nós anunciaremos os nomes de portugueses que estão presos neste momento, porque também estavam a colaborar para o golpe de estado aqui em Angola.

É claro que hoje aqui, no nosso país, ninguém pode atacar-nos dizendo que é fascista ou que defende o capitalismo. Todos dizem que são pelo socialismo. Todos defendem as ideias mais radicais. São esquerdistas todos. Pertenceram a partidos de esquerda em Portugal e é sob essa forma que eles se apresentam. Apresentam-se como homens de esquerda, que queriam avançar mais rapidamente o processo revolucionário angolano e para isso tomavam posições contra o Governo. No fundo, eles não eram nada progressistas. Eles eram é reaccionários, eles eram é

homens que queriam ver restaurados aqui, o colonialismo e o neocolonialismo, o capitalismo e a introdução, o mais rapidamente possível das forças imperialistas. Isso era o objectivo. Mas utilizaram determinadas táticas e diziam que eram progressistas, eram esquerdistas eram socialistas. Alguns deles, fugiram de Portugal e vieram aqui pedir-nos asilo político dizendo que eram progressistas. Nós concedemos o asilo político. Concedemos até, a possibilidade de trabalhar. Damos-lhes emprego, com vencimento. E a sua atitude, a sua resposta, foi entrar em conspirações contra o MPLA, contra o Estado angolano e contra o Governo. Isto é uma atitude que só poderemos classificar de uma maneira: ou puramente ingratitude se quisermos ser sentimentais, ou eles estavam aqui ao serviço de quaisquer forças exteriores ao nosso Povo.



CAMARADA
GARCIA NETO
PRESENTE

OS "GRUPOS" QUE DISPUTAVAM A SUPREMACIA

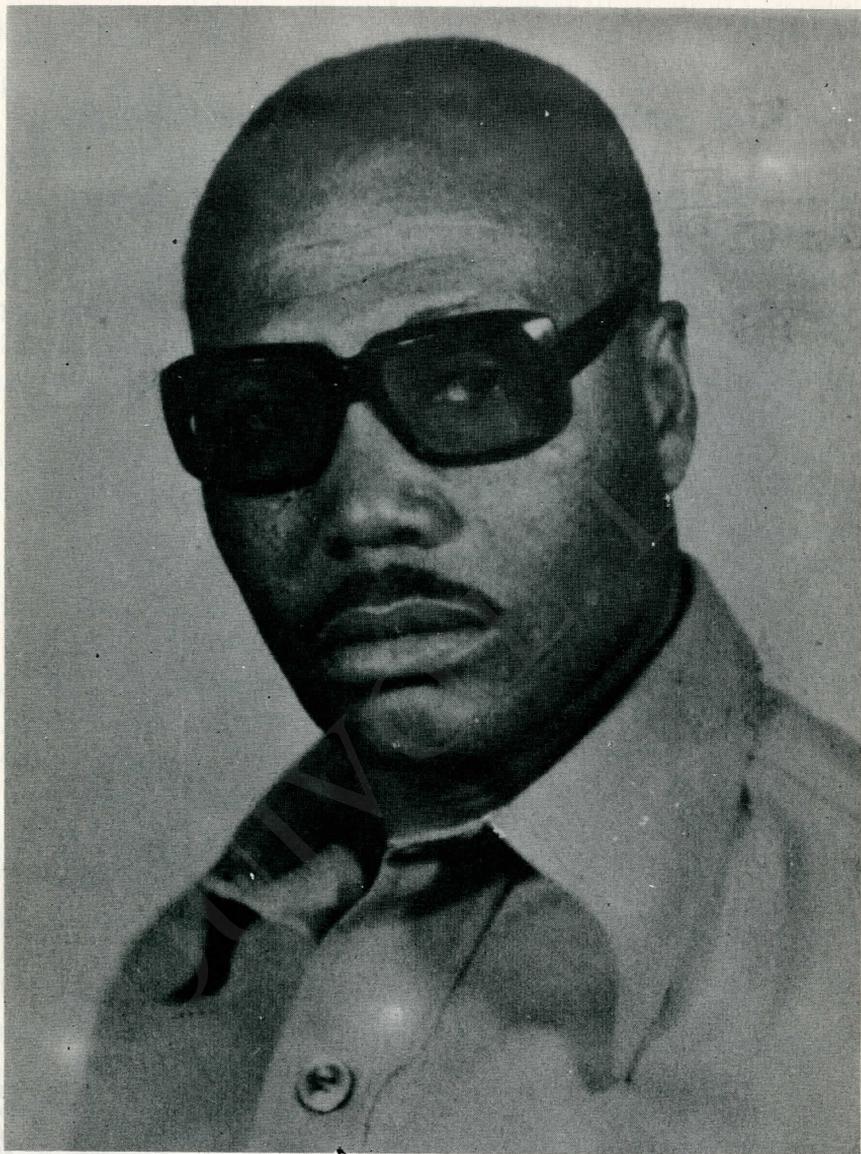
Mas há um aspecto a que nós, membros do Comité Central, nos temos referido sempre. É que houve aqui em Luanda uma luta de grupos. Vários grupos se constituíram durante a luta de libertação nacional por causa da clandestinidade. Uns saíram de um campo de concentração, uns saíram de uma prisão, uns saíram de outra e cada grupo queria ter a supremacia. E, nós assistimos aqui desde o 11 de Novembro a uma luta tremenda em que se foram eliminando um a um os grupos predominantes.

Primeiramente foi o grupo que se chamava "Comités Henda". Foi eliminado. Depois eram os "Comités Amílcar Cabral". Foram eliminados. Apareceram depois alguns deles, indivíduos que pertenciam a esses dois grupos, apareceram numa outra organização chamada, "Oca — Organização Comunista de Angola" e também foram eliminados.

A Direcção do MPLA, que dirigiu a luta armada e que

finalmente tomou conta do País, como Direcção do Partido e Direcção do Estado devia ser a última a ser eliminada. Nós, todos os membros do Comité Central devíamos, segundo os planos feitos, desaparecer no dia 27 de Maio, para que um grupo, um desses que fez a luta contra os outros grupos luandenses, pudesse assumir o Poder.

E muita gente estava enganada. Nós podemos ver durante este período, desde a independência, as atitudes, as posições políticas que foram tomadas por certos responsáveis. Foi possível analisar, ver, como é que se comportavam face ao Movimento, face ao Governo, face à problemática toda que existia dentro do nosso País. Alguns camaradas vacilaram, alguns camaradas não tiveram coragem, alguns camaradas evidenciaram nitidamente a sua adesão ao grupo que agora foi combatido, que está a ser combatido agora. Nós vimos como em vários serviços, em várias



CAMARADA
CRISTINO
PRESENTE

repartições públicas havia atitudes que coincidiam perfeitamente com as atitudes dos fraccionistas.

Nós vimos que foi utilizada uma determinada estratégia e que eram utilizadas determinadas táticas. Indivíduos que evidentemente se mostravam muito amigos do Movimento, muito militantes dentro do Movimento, no fundo faziam trabalho contra o MPLA.

Camaradas:

Se nós analisarmos aquilo que aconteceu antes, poderemos verificar que antes do 11 de Novembro e nesta luta de grupos, a acção principal foi feita contra os

elementos que se diziam da Revolta Activa aqui em Luanda.

E elementos da Revolta Activa eram apoiados pelos portugueses colonialistas, que eram colonialistas embora se dissessem progressistas, e foram apoiados pelos reaccionistas em todo o Mundo.

Eles foram combatidos aqui com toda a força. Estávamos ainda a lutar contra os zairenses, estávamos a lutar depois da Independência também contra os sul-africanos e só no mês de Março, nós pudemos resolver uma parte do problema.

OS FRACCIONISTAS ESCOLHEM OS MOMENTOS PARA ATACAREM O MPLA

Tivemos durante todo este período, desde a Independência, ataques armados por bandos que vieram, quer do norte, do Zaire, quer do sul, da África do Sul. Havia portanto uma situação que exigia de nós a defesa nacional, a maior atenção no sentido de forjar a unidade nacional para a

defesa do território. E ultimamente tivemos o problema das acusações do Zaire por causa das suas complicações no Shaba. E é dentro deste contexto, em que nós estamos preocupados com a defesa do nosso território que surge mais uma vez um ataque fraccionista.

Os momentos são bem



escolhidos. Quando nós estamos preocupados com um problema surge outro para desorientar a nossa actividade. Estivémos sempre preocupados com o problema da Reconstrução Nacional e em nenhum momento nós deixámos de chamar atenção do nosso Povo para o facto de ser necessário produzir, que é necessário cuidar da nossa economia, que é necessário nós tomarmos medidas urgentes para que a produção agrícola não desaparecesse, para que as indústrias continuássem a produzir, para que nós pudéssemos manter os transportes, para que o Comércio se fizesse normalmente, para que os agricultores não ficássem com a produção na sua lavoura e não pudessem comprar produtos industriais, chamando atenção para este aspecto. E estamos longe de ter resolvido todo o problema da economia do nosso País.

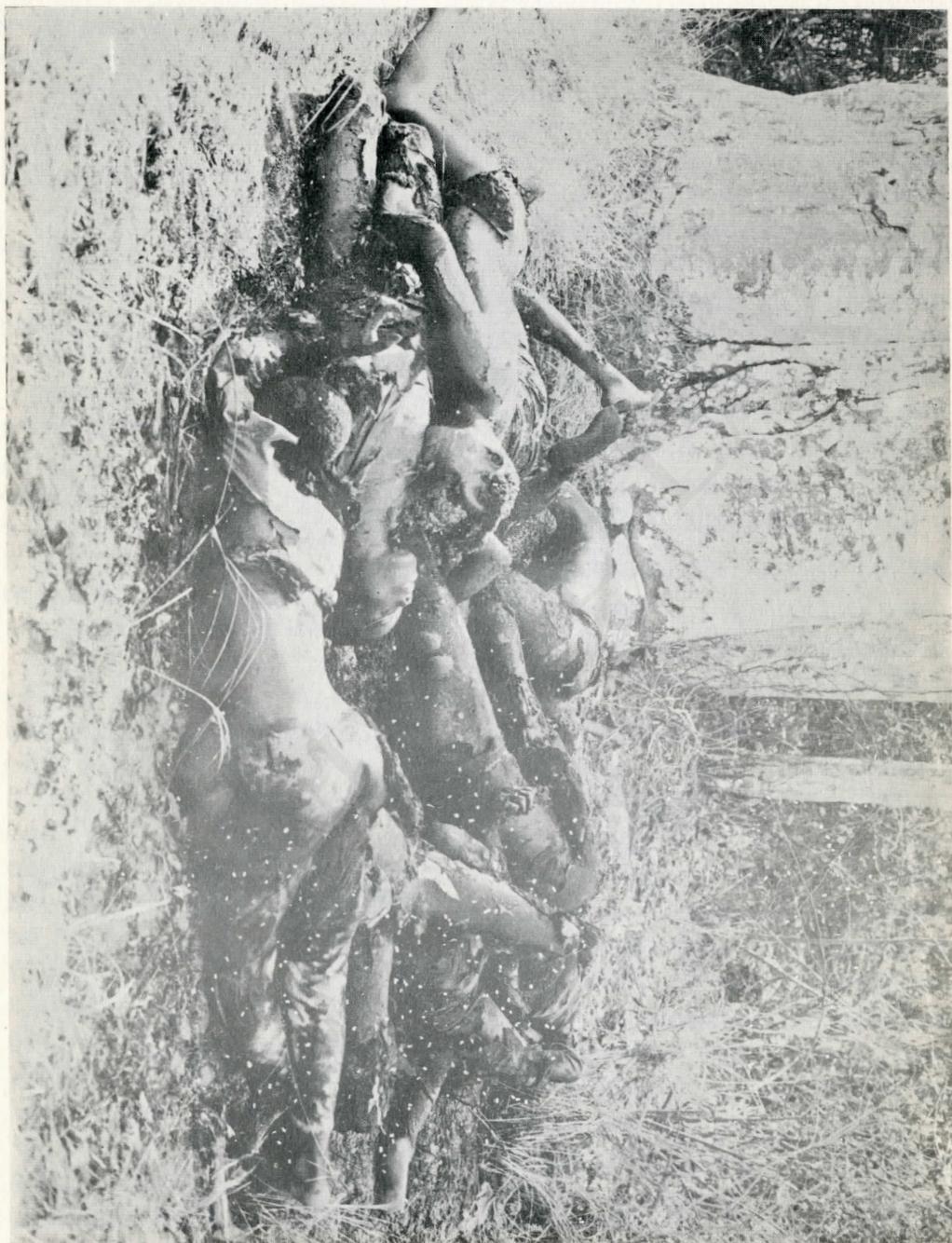
Chamámos a atenção para o problema da educação e da assistência médica. São

problemas fundamentais para o nosso Povo e o que é que fizeram os fraccionistas?

Os fraccionistas aconselhavam por um lado, a não combater.

Era preciso não combater os bandos armados que penetravam no nosso País porque eles queriam fazer um outro tipo de Revolução. Infiltraram-se nalguns sectores das Forças Armadas e fizeram com que eles não funcionassem para a Revolução, mas funcionassem sim no sentido da organização de um golpe de estado.

Eles influenciaram jovens para que não participassem das tarefas da Reconstrução Nacional, que não fossem à colheita do café, que não fossem cortar cana, que não participem nas empresas industriais e influenciaram os agricultores a não produzir mais porque o Estado não estava em condições de comprar os seus produtos. Quer dizer: foi uma sabotagem consciente aquela que se fez aqui durante vários meses.



OS QUE PARTICIPARAM NA PREPARAÇÃO DO GOLPE REACCIONÁRIO

Quem eram os agentes dessa política? Participaram principalmente elementos de Luanda, intelectuais de origem burguesa ou pequeno-burguesa.

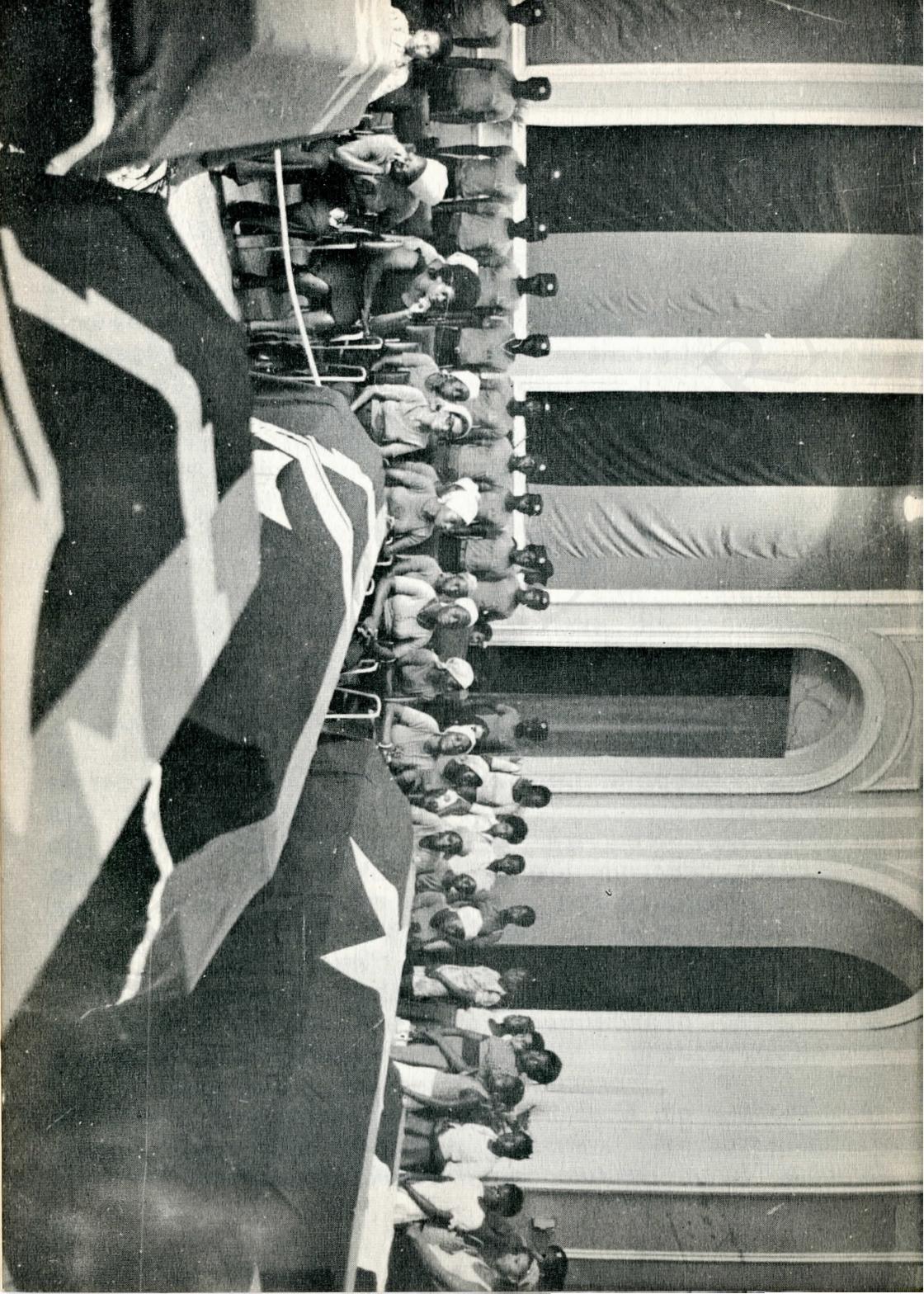
Compatriotas alguns, estrangeiros outros — e os estrangeiros que não foram capazes de fazer a Revolução na terra deles, vêm fazer a Revolução em Angola. Intelectuais que se preocupavam em escrever discursos, em ler livros para depois dar umas frases, às pessoas que se aproximam do microfone e mesmo a escrever livros que depois outros assinavam.

Alguns operários ambiciosos, pensando que já tinham a direcção do País nas suas mãos, que já não era possível a união de todas as classes sociais, que eles sós, mas eles, pessoalmente sobretudo, poderiam dirigir todo o processo revolucionário em Angola.

Elementos da juventude também foram recrutados,

elementos da OMA foram recrutados. Algumas comissões populares de bairro, foram recrutadas para impedir até o abastecimento dos bairros. Nós todos lembramo-nos que em alguns bairros de Luanda quando nós queríamos abrir lojas para poder distribuir melhor os produtos, algumas comissões populares de bairro recusaram dizendo que queriam formar cooperativas e não lojas. E as cooperativas serviam para encobrir muito negócio, como se está a descobrir agora.

Alguns membros do Governo, das organizações de massas, que já referi, das Comissões Directivas do MPLA, também se encontram entre os elementos recrutados pelos fraccionistas. Eles aproveitaram todo o descontentamento. É fácil a p r o v e i t a r o descontentamento, o difícil é resolver os problemas. É fácil criar obstáculos; o difícil é dirigir um processo revolucionário.



Foram utilizadas algumas táticas como as calúnias aos dirigentes do MPLA e aos membros do Governo. Calúnias que depois eram repetidas em cada bairro, em cada empresa, em cada província para denegrir determinados membros do Comité Central e determinados membros do Governo. Era fácil detectar de onde vinham essas calúnias. Para nós era fácil detectar porque eram sempre os mesmos indivíduos que nos vinham falar contra este ou contra aquele membro do Governo ou do Comité Central, ou contra um

funcionário do Comité Central ou funcionário de um serviço qualquer.

Fizeram classificações artificiais que também eram repetidas e são ainda repetidas: "uma direita conservadora", os "maoistas" e os "consequentes". Os "consequentes" eram os autores das calúnias. E todos nós, membros do Comité Central, membros do Governo, todos éramos classificados de uma ou de outra maneira. Ou éramos "conservadores", ou éramos "social-democratas" ou éramos "maoistas". "Consequentes" é que não...

TOMAR DURAS MEDIDAS ALÉM DAQUELAS QUE FORAM JÁ TOMADAS

Diante disto camaradas nós não podemos tomar outras medidas além daquelas que foram tomadas e que ainda estão em curso. Nós fizemos com que a investigação fosse o mais profundamente possível aos elementos que eram denunciados espontaneamente por aqueles

que chegaram aos nossos organismos de investigação e que eram suspeitos. Foram dissolvidos alguns organismos do Movimento, algumas Comissões Directivas, como por exemplo a Comissão Directiva de Luanda, foram dissolvidas, porque não correspondiam de maneira nenhuma às



exigências políticas do MPLA. Foram demitidos alguns Comissários Provinciais que participaram desta manobra. Foram também dissolvidos alguns organismos dirigentes das organizações de massas como, por exemplo, a Comissão Directiva Nacional da JMPLA. Também foram demitidos funcionários. Neste sector a investigação ainda não foi bastante longe mas desde que nós detectemos qual é a implicação, naturalmente que não se seguirá outra regra.

Mas além disto nós temos que tomar outras medidas, que devem ser realizadas por toda a organização do MPLA no País, pelo Povo em geral. E uma das mais importantes é saber encontrar onde os fraccionistas se esconderam. Não são somente os cabecilhas mas também os outros que aqui em Luanda provocaram muitas perturbações na nossa vida nacional. É preciso encontrá-los e o mais depressa possível.

Por outro lado temos que reforçar o MPLA. Temos tarefas urgentes e sem a

organização do MPLA nós não poderemos avançar muito. Temos portanto de reconstruir as Comissões Directivas regionais ou provinciais. Temos de reconstituir ou constituir imediatamente os grupos de acção, os comités de acção para que eles estejam aptos a dirigir realmente, fielmente ao programa do Movimento e sem hesitações a política que é traçada.

Todos os organismos de massas devem estar subordinados a todos os níveis aos organismos do MPLA. As Comissões Populares de Bairro, organismos que devem ser eleitos, devem subordinar-se à orientação do MPLA. É o Comité de Acção do bairro quem dirige. A Comissão Popular executa.

As organizações de massas, a OMA, a "JOTA" a UNTA, devem subordinar a sua actuação à direcção do MPLA, a todos os níveis. Não podemos, por exemplo, ter numa empresa grupos de acção que não tenham autoridade política junto das comissões sindicais. Isto não



pode ser, e se acontece, a única coisa que nós poderemos fazer é dissolver as comissões sindicais. A orientação tem de ser sempre do MPLA. E vamos seguir esta linha firmemente. Que não haja organizações paralelas dentro do País. Quem comanda aqui em Angola é o MPLA.

No Governo, os membros do Governo, têm que se submeter à orientação traçada pelo Bureau Político que é o organismo permanente do Comité Central. Não pode haver decisões do Governo, que não sejam controladas pelo Bureau Político. É preciso que todos os Ministros, todos aqueles que estão na administração do País, saibam que devem fazer só aquilo que fôr autorizado pelo Bureau Político e, quando o Bureau Político decide, é preciso executar as suas decisões o mais urgentemente possível.

É claro, camaradas, por vezes surgem algumas confusões. Como por exemplo: realizou-se aqui em

Luanda, um plenário da Saúde. Os camaradas membros do MPLA do serviço de saúde, quiseram tentar resolver alguns problemas que lhes diziam respeito. E falaram primeiramente com membros do Comité Central e comigo próprio. Realizaram um plenário que foi autorizado. As suas decisões foram previamente examinadas por um membro do Bureau Político. Mas alguns desses membros da saúde, eram também fraccionistas e, foram sujeitos às medidas que os outros estão a sofrer. Mas, alguns camaradas pensam que, esses "camaradas" estão sob sanção, por causa do plenário da Saúde. Devo dizer aqui a todos os camaradas que trabalham no serviço de Saúde, que por causa do plenário da Saúde, ninguém sofreu qualquer sanção. Todos têm o direito de reunir, desde que os objectivos sejam justos, e desde que estejam completamente controlados por qualquer organismo do MPLA.



TEMOS DE PREPARAR CONVENIENTEMENTE O CONGRESSO DO MPLA

É claro que uma das tarefas fundamentais para o nosso Movimento nestes próximos tempos, deverá ser a preparação do Congresso. Nós temos de preparar convenientemente o Congresso. Os militantes devem interessar-se por frequentar as escolas políticas para poderem aprender o marxismo-leninismo, para poderem ter algumas noções antes da realização do Congresso. Teremos, pois de realizar todos os passos

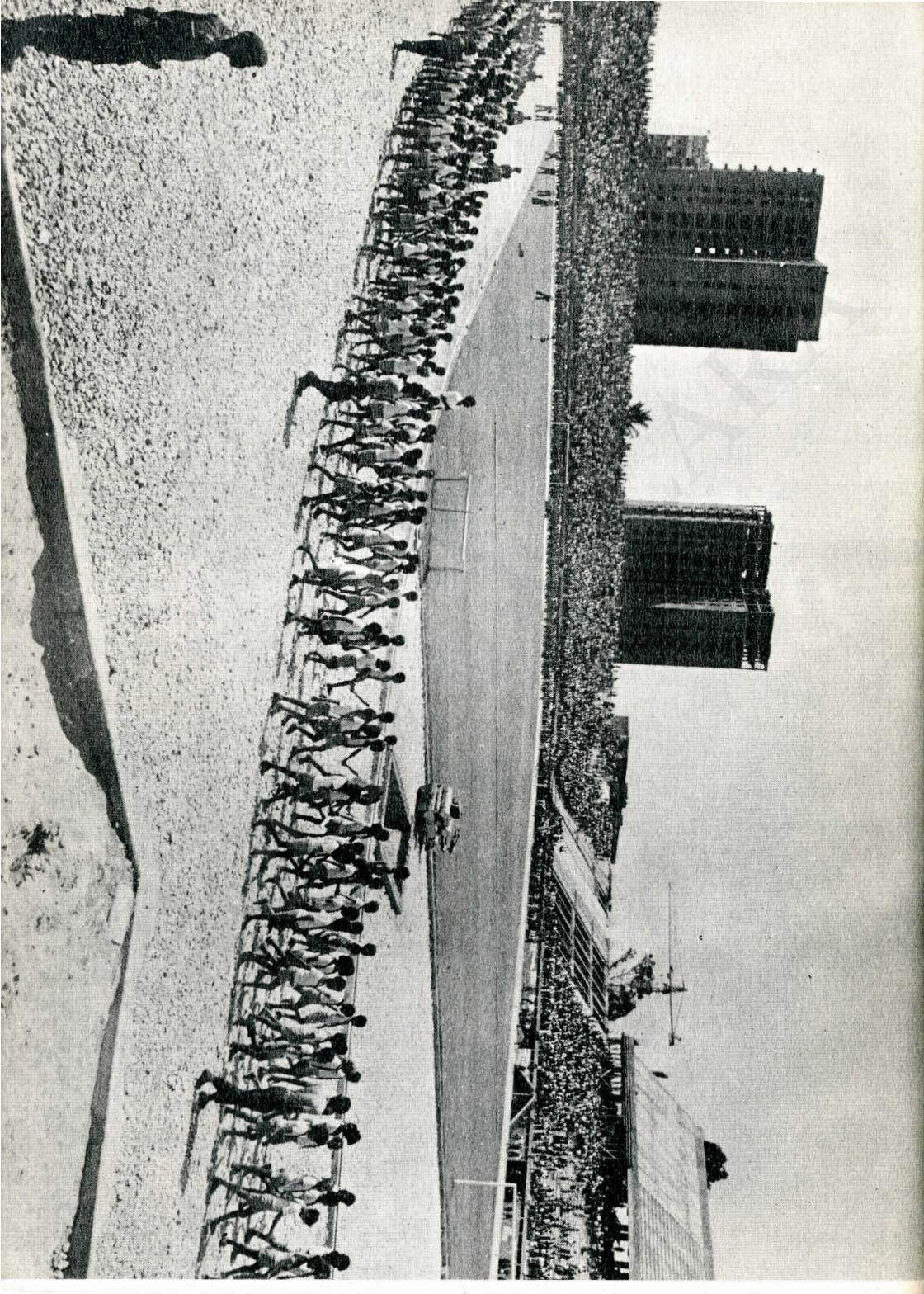
para chegar ao Congresso, isto é, nomear os delegados, eleger as comissões, segundo as normas que serão fornecidas pela comissão preparatória do Congresso. Mas esta é uma das tarefas principais, para que nós não atrasemos a realização do Congresso que, estamos à espera há tanto tempo e, para que a classe operária tenha o seu papel, tenha o seu lugar na direcção do País, como nós desejamos e como o Comité Central decidiu.

A JUVENTUDE VAI SER CHAMADA UMA VEZ MAIS A DEFENDER O PAÍS

No entanto, camaradas, não posso deixar de repetir algumas das nossas preocupações. Uma delas é a preocupação da defesa. A Juventude vai ser uma vez mais chamada a defender o país.

Há pouco tempo, sofremos ataques políticos por parte do Zaire. Ameaças de invasão, com tropas que se

encontravam dentro do seu território que fizeram algumas incursões, que violaram o nosso espaço aéreo, que bombardearam algumas das nossas aldeias e nós receámos que eles, os zairenses, auxiliados pelos franceses, pelos marroquinos, pelos egípcios, viessem atacar Angola. Precisamos, portanto, de estar alerta.



Não nos distraíamos só com a luta contra os fraccionistas. Não nos distraíamos só com a organização do Congresso. Temos, antes de mais, de velar pela defesa do nosso território. Sem o território, não temos possibilidade de organização.

A Juventude é mais uma vez chamada a estar pronta em qualquer momento para defender o território nacional. Claro que não é nosso desejo

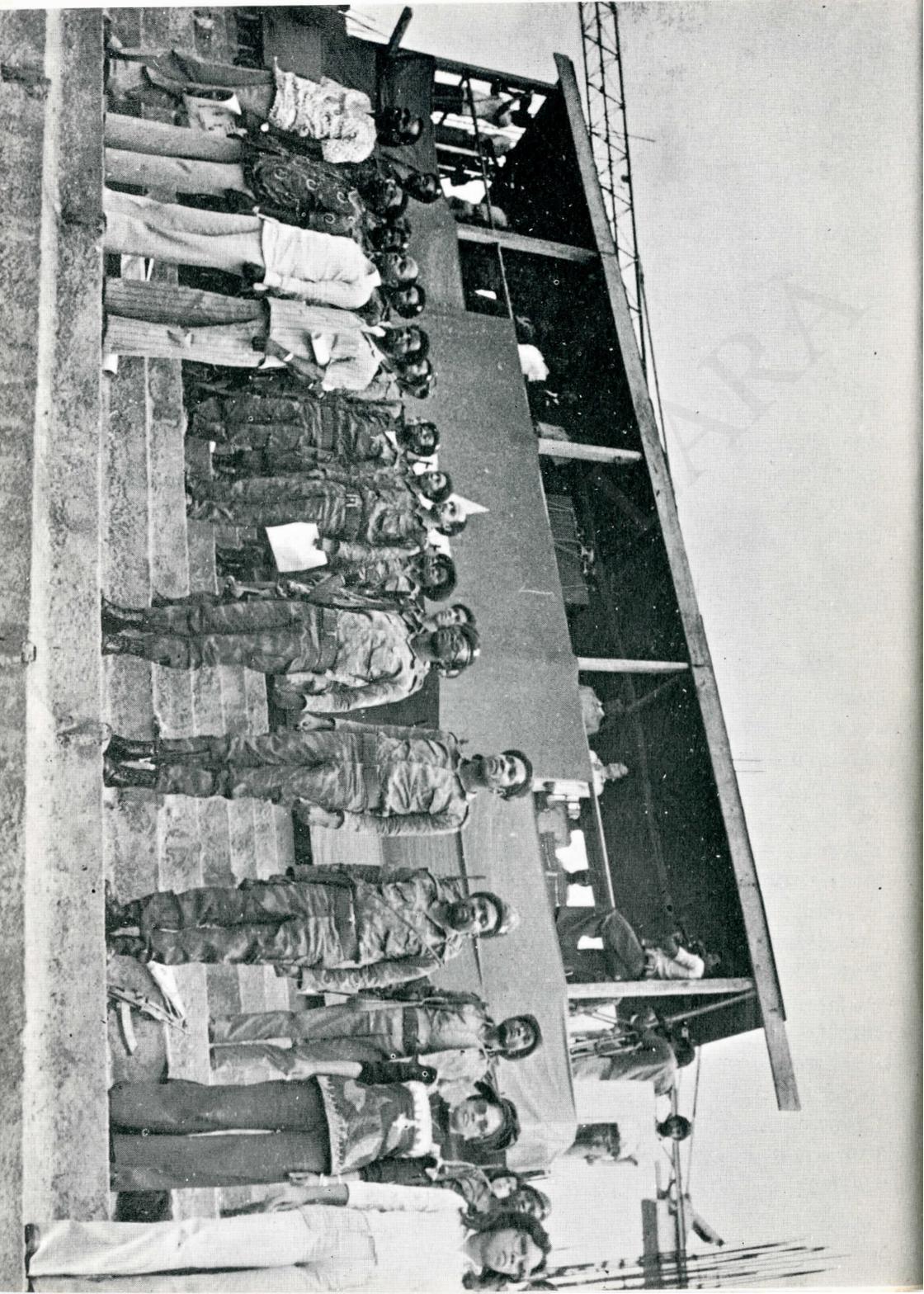
fazer guerra. Mas se alguém nos atacar, nós não teremos outro remédio, senão defendermo-nos. Se for possível normalizar as nossas relações com os países vizinhos, como já fizemos com a Zâmbia, nós estaremos prontos a dar os passos necessários se as condições estiverem criadas para isso. Mas enquanto não houver normalização de relações com os outros países, temos de estar atentos à defesa.

CUIDAR DA VIDA MATERIAL DA POPULAÇÃO

Precisamos ainda de cuidar, com muita atenção, a questão da produção. Os camaradas da UNTA organizaram períodos de emulação e creio que em algumas empresas, isso deu resultado. No entanto, a produção não depende simplesmente do operário. Depende de muitos outros factores. Depende das matérias primas. Depende das máquinas, depende da técnica e tudo isso tem de ser organizado, tem de ser visto, para que a produção seja a melhor, para que a

produtividade de cada operário, seja a melhor.

A organização nas empresas ainda não é perfeita, mas pode-se aperfeiçoar. Nós temos descurado bastante, a organização de cooperativas de produção agrícola. A agricultura pode desenvolver-se mais do que está neste momento. Alguns dos camaradas Comissários Provinciais e, em relação a alguns já sabemos porquê — é porque estavam com os fraccionistas — impediam a saída dos géneros alimentícios da sua província,



para as outras províncias. Isto prejudicou bastante no abastecimento de certas províncias. Em algumas províncias, não era permitida a utilização de viaturas para a compra de produtos dos agricultores, umas vezes por que havia poucos veículos, mas outras vezes, também porque havia o desejo de sabotar a produção agrícola. Teremos de tomar atenção, mais atenção a esse capítulo da nossa vida.

Quer dizer, no que respeita ao transporte, a educação, à reparação de

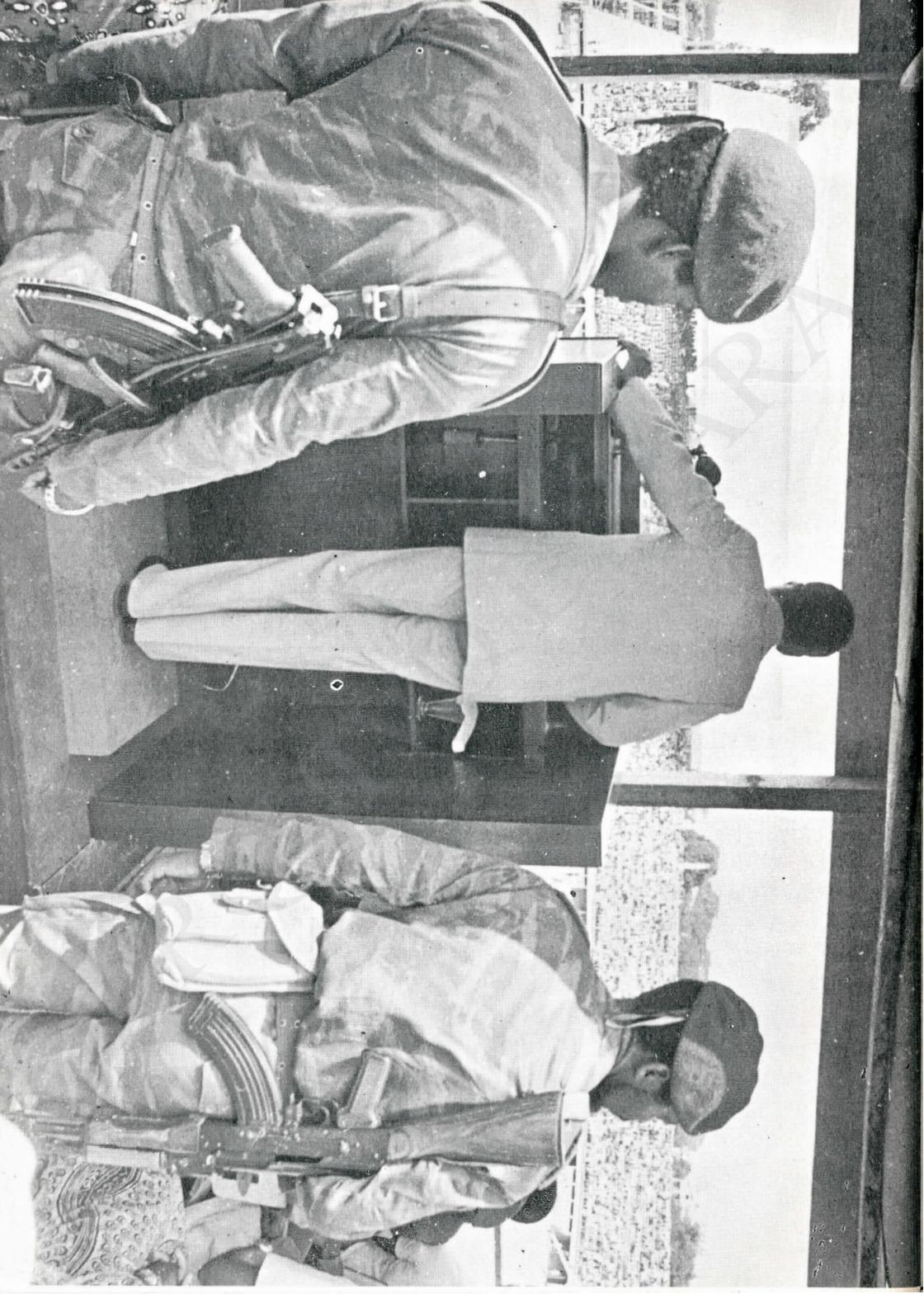
estradas, nós temos de fazer um esforço suplementar neste período, porque, temos de cuidar, — é nosso dever — temos de cuidar da vida material da população, temos de cuidar da vida material dos camponeses e dos operários e organizar a troca. Temos de fazer com que o equipamento seja cada vez melhor e temos de evitar o açambarcamento, o roubo, a destruição de bens que pertencem ao Povo. Esse capítulo, capítulo da economia, portanto, é extremamente importante e todo o povo deve colaborar.

TEMOS AMIGOS SÉRIOS

Camaradas, nós temos a felicidade de possuir amigos no mundo. Temos amigos sérios, amigos que manifestam a sua solidariedade em cada momento difícil. Nós temos sentido a solidariedade e a amizade. Nós temos sentido que uma grande parte de países do mundo está connosco e estão prontos a dar a sua colaboração em todos os instantes.

Há camaradas que são

criticados por isso. São acusados pelo imperialismo. São os camaradas da União Soviética e os camaradas de Cuba. São acusados de virem a Angola não para contribuir para este processo, não para a construção do Socialismo, defesa da independência mas sim, estarem aqui para outros fins. Eu queria reafirmar aqui, diante de toda a população do nosso País, especialmente a de Luanda, que os camaradas da União Soviética têm



expresso em cada momento difícil da nossa vida, os seus sentimentos de amizade e de solidariedade. E têm expresso não somente sentimentos, mas de uma maneira prática, positiva, têm contribuído para a formação do nosso exército, para diminuir as dificuldades económicas, para a formação de técnicos, para, enfim, nós podermos de facto, entrar num período de reconstrução nacional. Da mesma maneira os camaradas cubanos.

A reacção aqui em Angola, naturalmente animada pelas agências de espionagem, fazem propaganda contra os camaradas cubanos. Têm tentado fazer tudo, para que o Povo de Angola, esteja contra os camaradas cubanos. Mas, eu devo dizer, que se há um povo, se há um partido, se há um governo que está realmente a contribuir para a realização da nossa vida em todos os aspectos aqui em Angola, são os camaradas de Cuba.

Eu não digo isso simplesmente porque estou ao pé dos microfones. Digo sinceramente, e di-lo-ei em cada circunstância da nossa

vida, porque a contribuição do povo cubano é de tal maneira grandiosa, que nós nunca mais na nossa vida nacional a poderemos esquecer. E oxalá possamos nós, os angolanos, em relação aqueles que ainda estão a lutar pela sua independência, os povos da Namíbia, do Zimbabwé, da África do Sul, fazer um esforço semelhante. Que nós possamos também contribuir de uma maneira internacionalista, para a libertação dos outros povos da região austral da África.

Dentro de dois dias, provavelmente, começará aqui em Luanda, uma reunião do Comité de Libertação de África. Vêm aqui a Luanda, responsáveis dos Movimentos de Libertação, vêm representantes de vários países africanos que connosco virão afirmar, mais uma vez, o nosso desejo de libertar totalmente o nosso continente, onde ainda existem racistas. A população de Luanda, aquela que estará mais próxima dos delegados, é convidada a exprimir o seu carinho, a sua amizade, a sua solidariedade, a cada um dos

**membros dos Movimentos de
Libertação que estiverem
presentes aqui em Luanda e,
também, a cada delegado de**

**países africanos que
estiverem na nossa cidade
durante a conferência.**

Um só Povo

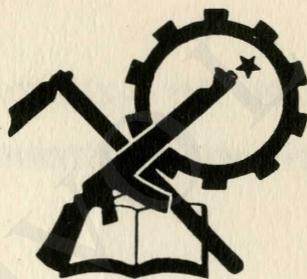
Uma só Nação

A luta continua.

Pelo poder Popular.

A vitória é certa.

F. A. P. L. A.



Forças Armadas Populares de Libertação de Angola

2763

IE-02 - CX9

JULHO 1977 — LUANDA

PUBLICAÇÕES GAMA MINISTÉRIO DA DEFESA

15.000 Ex.





02763

